



Aprendizagens da cidade: corporeidades em intervenções urbanas¹
Learning City: corporealities in urban interventions

Juliana Soares Bom-Tempo²

Resumo: Este artigo tem como processo investigativo as configurações dos corpos cotidianos que ocupam e configuram o espaço urbano. As corporeidades sendo atravessadas por componentes da cidade: o trânsito em suas micro tensões, o ritmo de vida acelerado, as mídias (propagandas, panfletos, outdoors), as privações das relações nas ruas, a produção de corpos dóceis. Assim, as configurações corpóreas atravessados pelos fluxos da megamáquina cidade na atual sociedade dispararam o pensamento do que seriam corpos urbanos. Diante disto, pesquisamos os potenciais de fabulações do corpo em processo educativo de questionamento e desterritorialização destes corpos, através dos processos de criação do grupo Caleidoscorpos – CIA do Movimento Espontâneo e de realização de Intervenções Urbanas na cidade de Uberlândia – MG, durante o ano de 2006, por meio da técnica de dança contemporânea Contato-Improvisação. Neste processo, a questão desta pesquisa é como são configurados os corpos urbanos atravessados pelos fluxos da cidade na atual sociedade de controle e quais são os potenciais de fabulações do corpo através de intervenções estéticas na cidade por meio do Contato-Improvisação nas dimensões de possíveis aprendizagens e rupturas nos corpos transeuntes e nos próprios corpos dançarinos. A megamáquina cidade funciona se autopermanecendo. Reproduzindo permanentemente seus componentes articulares compondo um sistema. Assim, busca componentes no exterior dela mesma. Entre estes componentes estão os corpos. Máquina autopermanecedora e exterior a ela mesma em um processo de ambivalência simultânea. Esse processo se dá em uma política exterior, configurando relações de alteridade. Desta forma, corpo-corpos se configuram em processo complexo. Diante dos agenciamentos

¹ O presente artigo foi previamente publicado nos Anais do 16º Encontro Nacional ABRAPSO, sob o título de “Intervenções Urbanas: acontecimentos e processos de aprendizagens” em 2011, disponível em: http://www.encontro2011.abrapso.org.br/trabalho/view?ID_TRABALHO=3597. O texto sofreu pequenas reformulações para a atual publicação

² Doutoranda em Educação pela Universidade Estadual de Campinas - SP pelo Departamento de Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte, Grupo OLHO (Laboratório de Estudos Audiovisuais). Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Uberlândia - MG. Endereço: Rua Uirapuru, 809, casa 04, Jd. São Gonçalo, CEP 13082-706. Campinas – SP. E-mail: ju_bomtempo@yahoo.com.br.

maquímicos da cidade, as Intervenções Urbanas promovidas com Contato-Improvisação possibilitaram a proliferação de aprendizagens no cotidiano urbano, ampliações de desvios que permitiram aos corpos, atravessados pela lógica da cidade, entrar em processos outros, violentados pela necessidade de encontrar signos para o que estará ali presente interferindo na rua, na praça, na calçada. Busca de um tempo perdido nos signos impositivos da rotina urbana da vida contemporânea. Possibilidades de redescobrir o tempo como linha de fuga de um cotidiano desprovido de poesia, de criação, de acontecimento.

Palavras-Chave: corpos urbanos, intervenções urbanas, aprendizagens.

Abstract: This article has the investigative process settings of everyday bodies who occupy and shape the urban space. The cooperatives are crossed by parts of the city: the traffic in their microstrain, the accelerated pace of life, the media (advertisements, flyers, billboards), deprivation of relations in the streets, the production of docile bodies. Thus, the settings bodily crossed by streams of the mega-machine city in present society fired the thought of what would be urban bodies. Given this, we survey the potential of the body in an indented educational process of questioning and dispossession of these bodies, through the processes of creation of the group Caleidoscorpos - Spontaneous Movement of the CIA and realization of Urban Interventions in Uberlândia - MG, during 2006, through the technique of contemporary dance, Contact Improvisation. In this process, the question of this research is how the bodies are set up urban streams crossed by the city in the current society of control and what are the potentials of fables of the body through aesthetic interventions in the city through the Contact-Improvisation on the dimensions of possible learning and disruptions in the bodies own bodies and passers-dancers. The mega-city machine is self-produced works. Playing permanent joint components composing a system. Thus, this search components outside of herself. These components are the bodies. Machine self-producers and outside herself in a simultaneous process of ambivalence. This process takes place in a foreign policy, setting up relations of alterity. Thus, body-shape bodies in a complex process. Machinic assemblages before the city, the Urban Interventions promoted with Contact Improvisation-enabled learning in the proliferation of urban daily life, amplification of diversion that allowed the bodies crossed by the logic of the city, into other processes, the need to find abused for signs what will be there this interfering in the street in the plaza sidewalk. Search for lost time in an authoritative signs of urban routine of contemporary life. Possibilities of rediscovering the line of flight time as a routine devoid of poetry, creative, event.

Keywords: bodies urban, urban interventions, learning.

Apresentamos, neste artigo, um processo investigativo das configurações do corpo cotidiano que ocupam e configuram espaços urbanos. As corporeidades sendo atravessadas por componentes da cidade: o trânsito em suas micro tensões, o ritmo de vida acelerado, as mídias (propagandas, panfletos, outdoors), as privações das relações nas ruas, a produção de “corpos dóceis” (FOUCAULT, 2008/1977). Assim, esta investigação busca pensar as configurações corpóreas atravessadas pelos fluxos da mega-máquina cidade na atual sociedade de controle, desenvolvendo o conceito de corpos urbanos. Ainda nesse processo, investigamos os potenciais de fabulação do corpo em processo educativo de questionamento e desterritorialização destes corpos urbanos, por meio da técnica de dança contemporânea contato-improvisação em intervenções urbanas realizadas no ano de 2006 na cidade de Uberlândia – MG pelo grupo independente Caleidoscorpos – CIA do Movimento Espontâneo. Essa lembrança possibilita-nos pensar a cidade, os corpos e os componentes do urbano, enfatizando as interfaces desse processo junto a conceitos que funcionam como ferramentas em relação a essa empreitada. Assim, memórias se atualizam ao colocar esta experiência em um novo movimento e servem como componentes maquinários desse pensamento.

Neste processo, a questão desta pesquisa é como são configurados os corpos urbanos atravessados pelos fluxos da cidade na atual sociedade e quais são os potenciais de aprendizagens do corpo através de intervenções estéticas na cidade por meio do Contato-Improvisação nas dimensões de possíveis rupturas nos corpos transeuntes e nos próprios corpos dançarinos. Diante desta mobilização, encontramos-nos com questões disparadas por um processo que força o pensamento por necessidade. Quais agenciamentos perpassam e territorializam os corpos transeuntes nos contextos urbanos?

Uma cidade funciona como uma megamáquina se autoproduzindo e reproduzindo permanentemente seus componentes articulares, compondo um sistema. Neste movimento, a cidade com os fluxos de trânsito, de consumo e das mídias se articulam aos corpos passantes, capturando-os e articulando-os nas composições urbanas. Estes componentes urbanos distribuem singularidades em componentes corpos engendrando máquinas, processos fundamentais para articulações das proliferações consumidoras homogêneas em uma estética urbana global, com ícones paisagísticos

que atravessam os corpos e os transformam em cidade. Assim, essa megamáquina urbana busca componentes no exterior dela mesma.

Nessas articulações, a cidade é autoprodutora e exterior a ela mesma em um processo de ambivalência simultânea. Simultânea em caráter autopoietico, enquanto processo de autoprodução, interfaceando seus desenvolvimentos alopoieticos, como em busca do outro para se criar, se manter e se articular. Este movimento se dá em uma política exterior, configurando relações de alteridade. Desta forma, corpo-corpos se configuram em dinâmicas complexas; configurações em movimento, em corpos dinâmicos e em fluxos contínuos (GUATTARI, 1993).

Nos múltiplos paradoxos da cidade, os corpos transeuntes habitam micro e macro relações e percepções dessas configurações. Há um processo de invasão da consciência pelo corpo, ao mesmo tempo em que se habita um macro-contexto de consciências intencionais fenomenológicas descontínuas, uma conjugação em que habitam ambas as dimensões sobrepostas e em processo de mistura, macro e micropolíticas agenciadas em corporeidades urbanas. Uma impregnação, um contágio da consciência pelo corpo, que em seguida faz conexões com objetos do mundo externo, mundo urbano, movimentos inconscientes que invadem a consciência através do corpo. Diante disso, frente ao pensamento de Deleuze e Guattari (1995), a díade consciência inconsciência perde qualquer relevância, dispõe a multiplicidade dos encontros com os agenciamentos urbanísticos como uma invasão consciente e inconsciente no corpo e na cidade ao mesmo tempo. Neste processo, há o início de devir-objeto, devir-cidade, formando, assim, *platôs* enquanto áreas em que não existe discernimento entre corpos e objetos em um movimento de transmissão mútua de atributos e traços. Consciência, corpo e cidade são atravessados por “tessituras” comuns.

Juntamente a essa dinâmica, acontece uma invasão do corpo em suas micro tensões no corpo do outro, já que, involuntariamente, este outro está imerso em um campo invisível, inconsciente, e, portanto é submetido a uma comunicação inconsciente criando assim movimentos articulados pelas linhas de força do urbano. Isto acontece quando há uma “distração” por parte desse outro e acaba abrindo o corpo a uma invasão, dissolução de aparentes delimitações e separações entre corporeidades e urbanidades. Incorporações são estes processos de afetação e modulação de forças via inconsciente do corpo. Uma espécie de corpo espectral, corpo de afetos, mudo e invisível, apenas podendo ser experienciado a partir das intensidades destes atravessamentos urbanísticos (GIL, 2004).

Tais dimensões corpóreas passam a articular modos de produção capitalísticos, funcionando unicamente como registros, como valores de troca, valores da ordem do capital agenciando desejos. Modos que controlam subjetividades e subjetivações, em jogos de forças e poderes que visam à dominação e o controle da vida, um biopoder. (FOUCAULT, 1979). Certa essência do lucro que transcende a mais-valia econômica e está na tomada de poder da subjetividade. Cultura de massa presente nos agenciamentos urbanos, homogeneizantes e marcados por enquadramentos que tentam organizar e normatizar os espaços da cidade. Fundamental na “produção de subjetividades capitalísticas”, articuladoras desses contextos visíveis e invisíveis da cidade. (GUATTARI & ROLNIK, 2008, p.22).

Cultura massificada e produtora de indivíduos normatizados, engatados uns aos outros em sistemas de valores hierárquicos. Desta forma, a cidade articula sistemas de submissão dissimulados em uma produção de subjetividades corpóreas inconscientes. A cidade: poderosa máquina capitalística. Cidade composta por agenciamentos individuais e coletivos que anestesiam corporeidades, a um nível capaz de desenvolver e proliferar além dos equilíbrios ordinários perceptíveis. Corpos\vidas dominados capitalisticamente assistem a passagem a uma ordem tecnocientífica-empresarial – propagandas, promoções, automotivos, cartões de crédito. Máquinas urbanas compondo órgãos extensivos ao corpo. Corpos saudáveis, jovens e produtor de prazeres em processamentos de controle-estimulação agenciados pela cidade em micropolíticas de controle, de saúde e de regimes de verdade (SANT’ANNA, 2001).

A cidade funciona, portanto é uma máquina. Seu funcionamento se dá através de comunicações expostas e sutis. Um jogo de dentro e fora do corpo. Contexto-sensitivo em que a mensagem é emitida – o corpo-cidade se configura no entre da mensagem. Receptores corpóreos conectados em mensagens emitidas pela megamáquina cidade. Segundo Guattari (1992), as cidades enquanto máquinas sociais funcionam como Equipamentos Coletivos operando no núcleo das subjetividades, consciente e inconscientemente. Assim, há um processo de concorrência entre os componentes heterogêneos para a produção de subjetividades e de corporeidades. São os componentes vinculados às instituições tais como família, religião, arte, educação, saúde. Além deste, há também os componentes fabricados pelas mídias urbanas e, além disto, os componentes sutis de informatizações a-significantes, que nos atravessam em comunicações inconscientes da megamáquina urbana. Neste contexto, há a invasão dos componentes complexos da cidade constituintes das subjetividades e que disparam

processos de subjetivações urbanas. Para entrarmos no pensamento aqui proposto é necessário não haver a separação entre as subjetividades, os corpos e as coisas, todas estas dimensões tratadas como processamentos maquínicos que se conectam e desconectam produzindo fluxos.

Guattari, nessa perspectiva, oferece uma proposta que nos é muito potente para pensar a cidade. Essa seria o conceito de maquínico como conexões e produções de proto-subjetividades enquanto potenciais de subjetivação disparados nas relações entre coisas, corpos e pessoas. Agenciamentos maquínicos, um além e aquém da máquina, interfaces em que as máquinas são articuladas com outras máquinas agenciando fluxos contínuos e ruptivos, sequenciais e desviantes. Máquinas que agenciam desejos, máquinas desejanter na relação com objetos-sujeitos de desejo. Estes constituem vetores de subjetivação parciais com aberturas para além do corpo, relacionados aos conjuntos sociais, cósmicos e os universos de referência de todo tipo. Estes objetos maquínicos agenciam-se complexamente e encarnam sistemas maquínicos, em que o caos permanentemente os dissocia, decompondo elementos de natureza diferentes e compondo dimensões da maior hipercomplexidade não dominada, mas em relações de insistência e repetição. Assim, pensando a cidade como uma megamáquina, como proposto pelo autor, os corpos, os trânsitos, as mídias, os fluxos urbanos se conectam e desconectam em agenciamentos maquínicos complexos em sistemas de hipercomplexidade aberto as misturas e aos riscos ruptivos do caos.

Tais atravessamentos acontecem simultaneamente em uma tendência à homogeneização universal e à heterogeneidade dos componentes. Não existe neste processo um julgamento negativo ou positivo com relação ao processamento maquínico, tudo vai depender das articulações e dos agenciamentos coletivos. Bakhtine (*apud* GUATTARI, 1992) afirma que o “consumidor” é também co-criador e, portanto certo fragmento de conteúdo torna-se pertencente ao outro, engendrando certa forma de enunciação estética, fundamental para o consumo. Estas articulações de fragmentos de conteúdos e corpos são agenciadas na e pela cidade.

Aqui se faz presente a dimensão política da produção de corporeidades urbanas, sendo que os corpos subjetivos são co-criadores e agenciadores do processo de produção maquínica das cidades. Assim, buscamos pensar os temas urbanísticos de produção de um homem-maquínico, o homem subjetivado pela máquina. Nestas articulações, o desejo capitalístico encontra-se engendrado em micropolíticas urbanas.

Velocidade, fluxo, anestesiamento corpóreo, processo de produção de um corpo massificado. Corpo-consumo, corpo-urbano, corpo-cidade.

Frente a esta dimensão política dos agenciamentos maquínicos urbanos, durante o ano de 2006, produzimos um dispositivo político e estético nos contextos da cidade, produzindo trânsitos sobre a temática: Corpo e Cidade, a partir da criação do grupo de Dança Contemporânea e de Contato-Improvisação: Caleidoscorpos – CIA do Movimento Espontâneo. Esse grupo tinha como proposta desenvolver semanalmente improvisações em espaços públicos como praças, ruas e calçadas na cidade de Uberlândia – MG. Habitando um lado de fora da cidade, dos corpos, das danças e configurando uma dobra possível nos componentes da megamáquina cidade.

Assim, ao reportar à temática do corpo que foi construído sob perspectivas móveis como “Caleidoscorpos”, é preciso percorrer um caminho que configure conexões com certo *lado de fora* com relação aos novos corpos presentes nos fluxos urbanos, articulações dos pensamentos de Gilles Deleuze e Michael Foucault.

Configurações do corpo: do lado de fora

A dimensão dos novos corpos agenciados nos espaços urbanos criados no grupo é uma dimensão móvel, articular, uma mistura, um devir. Para falar de certo *lado de fora* necessário as novas configurações corpóreas e urbanas do grupo Caleidoscorpos, me encontro com Gilles Deleuze (2005) em seu livro *Foucault*. Neste livro, Deleuze faz uma análise do conhecimento filosófico de Michael Foucault através do encontro com o pensamento deste, propondo uma certa improvisação de contato em uma relação de mistura e estética, um diálogo em que o pensamento de um agencia novas possibilidades e configurações no pensamento do outro, produzindo novos corpos teórico-conceituais, um movimento em que dois se transmutam em vários.

Deleuze (2005), através de concepções foucaultianas, leva-nos ao *lado de fora* do pensamento. O autor convida a um contato com o pensamento de Foucault a partir de dois dos principais conceitos no decorrer de praticamente toda sua obra: o de Poder e o de Saber. Assim, “[...] poder é uma relação de forças, ou melhor, toda relação de forças é uma ‘relação de poder’” (2005, p.78). O Poder, enquanto força, é do âmbito do flexível, mutável e inaugural. Já o Saber, enquanto forma, são “camadas sedimentares”, construções rígidas culturais e históricas; “[...] são feitos de coisas e de palavras, de ver e de falar, de visível e de dizível, de regiões de visibilidades e campos de legibilidade,

de conteúdos e de expressões” (2005, p.57). Há, para Deleuze/Foucault uma diferenciação fundamental entre força/Poder e forma/Saber.

As instituições (corpo, estado, família, escola, manicômio, hospital, cidade) concentram relações de Saber enquanto instâncias instituídas, entendendo-as como pertencentes ao âmbito da forma. Já as forças são de outra natureza com relação à forma, são da instância da não-formalização. Uma colocação importante da referida definição é que o termo *forças* está apresentado no plural, ou seja, toda força faz alusão a outras, “[...] toda força é relação, isto é poder: a força não tem objeto nem sujeito a não ser a força” (2005, p.78). A questão aqui não é “O que é Poder?”, mas como ele se pratica e processa. Através do afeto, a força tem o poder de afetar e de ser afetada por outras forças. Ou seja, enquanto a forma/Saber é normatizada, instituída e pouco dinâmica, a força/Poder é a relação, a mistura, o encontro. Entretanto, é fundamental entendermos que essas dimensões existem associadas e sobrepostas.

Foucault (*apud* DELEUZE, 2005) nos traz um conceito importante para compreender as relações entre Poder e Saber nesta empreitada: o de *diagrama*. Este seria a aparição das relações de forças que sustentam a forma; ou seja, seria a composição dos Poderes que afetam e são afetados no território dos Saberes. Assim, é possível compreender uma definição de diagrama como sendo “[...] uma emissão, uma distribuição de singularidades” (2005, p.78), organizações imprevisíveis e conexões inéditas do campo dos Poderes que, por sua vez dão sustentação aos Saberes.

O diagrama movimentam matérias e funções não-categorizadas e se exerce sob segmentos móveis e flexíveis, não passando por formas, mas por pontos de uma rede complexa de subjetividades, singularidades com afetamentos locais e imprevisíveis. Desta forma, Foucault diz que a prática do Poder é irreduzível à do Saber, pois existem sob domínios diferentes. Para acentuar tal desnível, Foucault afirma que o Poder faz referência a uma “microfísica”, para dizer que é de outro campo em relação ao Saber, aquele faz parte de um tipo de relação inédita, com conexões móveis, voláteis e não localizáveis. O Poder para Foucault é fluído, flexível, intangível, enquanto que o Saber é mais estável, rígido, visível.

Entretanto, Poder e Saber vivem em possibilidade de “[...] captura recíproca, imanência mútua” (2005, p.82); ou seja, não há separação das matérias e funções formais com as relações de Poder que as tornam possíveis, mas configuram uma textura ontológica introduzindo as possibilidades de produções inéditas mesmo nos campos formais mais estáveis. Nesse sentido, os estratos microfísicos e macropolíticos dos

Saberes estão intrinsecamente atravessados por uma microfísica dos Poderes, trazendo a possibilidade enquanto potência de transformação dos traçados rígidos das formalizações. Assim, pensando o urbano como agenciamentos móveis e maquínicos, podemos acrescentar as relações de Poder e Saber engendradas nesses movimentos da cidade, tanto em dimensões das capturas capitalísticas de normatização e homogeneização dos fluxos urbanos, como nas resistências em movimentos que escapam ao projeto urbanístico estratificado para conduzir corporeidades e subjetivações.

O corpo e a cidade, frente ao pensamento foucaultiano, seriam atravessados por formulações que os configuram no campo da forma/Saber, engessando as possibilidades de produção de corporeidades e cidades potente. As singularidades, os afetos são configurados por relações de Poder. Entretanto, a categorização, classificação, homogeneização e seriação dessas singularidades são feitas por “uma linha de força geral” (DELEUZE, 2005, p.83) que reduz singularidades à forma e ao Saber. Linha de força geral que é historicamente construída e que se legitima num dado contexto cultural. O corpo e o urbano, nesse processo, configuram-se como testemunho (indicador) desse contexto cultural.

Assim, podemos concluir que, mesmo havendo uma pasteurização significativa, ela não é global. O que existem são várias camadas de singularidades, com afinidades relacionais locais, que podem ser efêmeras ou duradouras. Desta forma as instituições são constituídas: Cidade, Corpo, Família, Estado, Religião, Mercado, Saúde, Arte e Trabalho. Estas são práticas e, por sua vez, não explicitam o Poder (apesar de insinuarem e de darem pistas) já que fixam as relações e as reproduzem, não tendo em si nenhuma nova produção. Entretanto, trazem certo *lado de fora* e potencial de novos agenciamentos através do campo da força/Poder. Para tangenciarmos este Poder precisamos nos dirigir ao *lado de fora* das singularidades capturadas e segmentadas. Implosões necessárias do Saber enquanto cenário, representação e linguagem; e potencializações do Poder enquanto usina de produção, de encontro, de diálogo e comunicação, na potencia dos agenciamentos maquínicos.

Quando falamos em *lado de fora*, logo pensamos em exterioridade e em uma relação dicotômica de exterior e interior. Entretanto, é preciso uma diferenciação, pois se trata de domínios diferentes.

A díade exterior–interior é do âmbito da forma, mesmo se pensarmos em duas ou mais formas exteriores uma à outra, estas dizem do campo do Saber. Já o *lado de*

fora é o da natureza da força, que está sempre em relação a outras forças, compondo um *lado de fora* sem forma e irreduzível — indizível e composto de distâncias que não podem ser estratificadas, em que uma força age sobre outra ou é afetada por esta. É sempre de fora que se dá essa relação entre forças. Aqui existe um devir de forças que é irreduzível à história das formas, operando, portanto, em outra dimensão. Devir refere-se à mistura entre duas ou mais camadas, em que a organização sobre um deles modifica-se para a organização sobre o outro, em uma captura mútua de códigos, aumento de valência, assegurando a desterritorialização de um dos termos e a reterritorialização do outro, os devires se encadeiam e se revezam de acordo com a circulação de intensidades que empurram essa mútua desterritorialização. (DELEUZE & GUATTARI, 1995)

Nunca é o composto, o compacto, o classificável, o divisível em camadas que se modificam, mas, antes, são as forças que os compõem, afetando e sendo afetadas, do *lado de fora*, que produzem uma transmutação (DELEUZE, 2005). *Lado de fora* em diagramas nos fluxos urbanos, entretanto, aberto a produções de subjetividades agenciadas em desvios das capturas do capital, agenciamentos maquínicos como produções de outros corpos e outras cidades no contexto urbano

O que compõe o *lado de fora* são relações de força que provocam mudanças na forma já configurada, com outras relações e novas configurações, “um lado de fora mais longínquo que todo o mundo exterior e mesmo de toda forma de exterioridade, portanto infinitamente mais próximo” (DELEUZE, 2005, p.93).

E o dentro? Nas dobras...

Antes falar do dentro é preciso ainda falar do fora. Assim, a força se encontra do *lado de fora*. Tais forças — que habitam o fora e compõem os diagramas — também têm a potência de resistência em relação a esses diagramas, mesmo sendo amiúde da mesma esfera: *o lado de fora*. Assim, os diagramas de força são compostos tanto por poderes singulares, que dizem respeito às suas relações, quanto por resistências singulares, que se conectam as camadas possibilitando, assim, as mudanças.

Ainda, neste íterim, faz-se importante dizer que “[...] a resistência tem o primado” (idem, p.96), pois as relações de Poder se praticam através do diagrama e as resistências estão necessariamente ligadas intimamente ao *lado de fora*. “De forma que um campo social mais resiste do que cria estratégias” (idem, p. 96). Ou seja, as forças resistentes se sobressaem às forças que compõem os diagramas, não deixando, portanto,

de subvertê-los constantemente. Ao criar estratégias isso induz a construção de diagramas; ou seja, o desenvolvimento de estratégias e suas conseqüentes consolidações geram diagramas. Assim, diagrama é uma captura de singularidades, que criam configurações.

Se considerarmos que a resistência tem primazia com relação aos diagramas, tateamos um ponto perigoso. Aí se encontra o risco. No decorrer da discussão deleuziana sobre a obra de Foucault, chegamos a um impasse: se é preciso chegar à vida, ao corpo e ao urbano como potência do *lado de fora*, o que nos diz que este “de fora” não é um vazio aterrorizante e que essa vida que parece resistir não é mera distribuição, no vazio, de mortes “[...] parciais, progressivas e lentas” (DELEUZE, 2005, p. 102)? O risco do fora é evidente; mas como resolver o impasse formulado por Deleuze?

Haveria algo mais a se pensar, segundo ele, se o fora fosse arrebatado do vazio e desviado do aniquilamento, configurando uma superfície de atrito que sustentasse a produção do fora. Um terceiro eixo, distinto da força (Poder) e da forma (Saber). Um eixo que atue concomitante aos outros dois e que desfaça o enlace: um *lado de dentro*. Um lado de dentro do próprio fora.

A mobilidade, o ilimitável e a movimentação que compõem o fora formam pregas e dobras que configuram um *lado de dentro*. O tema do duplo sempre permeou a obra de Foucault, não como um exterior projetado, mas como uma invaginação do fora.

Deleuze (2005) fala, através de Foucault, da dobradura feita pelos gregos com relação à força que, relacionada consigo mesmo, inventaram o Sujeito, não como sendo a força, mas como uma derivação dela. Segundo o autor, “a idéia fundamental de Foucault é a de uma dimensão da subjetividade que deriva do poder e do saber, mas que não depende deles” (2005, p. 109).

Entretanto, essa descoberta de Foucault que possibilita a subjetivação não está isenta de capturas. A relação consigo mesmo é intimamente roubada quando posta, por exemplo, em contato com a sexualidade, as dimensões sociais, políticas e morais que a compõe no mundo do Capital Mundial Integrado. A subjetividade entrará nas relações tanto de Poder como de Saber, se reintegrando a estes sistemas, atados por códigos diagramados e morais. Esse desdobramento da dobra seria uma captura do macromercado capitalista frente a uma micro-usina de produção de subjetividade. Há uma fragmentação entre a produção e as superfícies de registro e consumo.

Para melhor pensarmos esses mecanismos de dobra-invenção e capturas, recorro ao livro de Deleuze & Guattari (1966) *O Anti-Édipo*, no capítulo inicial “As máquinas desejanter”. Estes autores trazem uma noção de três esferas que se concatenam e se conectam nas relações homem-natureza, indústria-natureza, sociedade-natureza: superfícies de *produção*, de *registro* ou *distribuição* e de *consumo*. Estas camadas estão diretamente relacionadas e, portanto, não existem estratos ou circuitos independentes. Sendo assim, a produção se torna, no mesmo momento que é produzida, consumo e registro, que, por sua vez, determinam a produção, de forma que para os autores tudo é produção.

Neste ínterim, é preciso engendrar as superfícies de registro e consumo na própria produção, e torná-los um mesmo processo. Quando isso não se efetiva nas produções de subjetividades, elas são tragadas pela macroestrutura do capital, como um aspirador, se tornando mercadorias de consumo. Pensando nos agenciamentos urbanos, mesmo em dimensões criativas e singulares que são agenciadas na cidade, produzindo cidades criativas, essas estão vulneráveis aos processos de capturas, correndo o risco de, mesmo engendradas pelo fora e criando dobras que produzem efetivações, há pelo regime de verdade do controle instituído nos atuais contextos urbanos, processos violentos de capturas que normatizam, estratificam e endurecem as segmentações urbanísticas.

Entretanto, para Foucault (*apud* DELEUZE, 2005), sempre haverá uma relação de subjetivação que resiste aos Poderes e aos Saberes, que é inclusive a gênese dos pontos de resistências. São as linhas de fuga. A subjetivação, a relação consigo, não deixa de se fazer, mas se metamorfoseando, mudando de modo, a ponto do modo grego de produção de sujeitos tornar-se uma lembrança bem longínqua. Recuperada pelas relações de Poder, pelas relações de Saber, a relação consigo não para de renascer, em outros lugares e em outras formas, criando um lado de dentro, cheio de possibilidades e dobras.

Corpos Urbanos: agenciamentos de componentes da cidade.

Christine Greiner (2005) no livro *O Corpo: pistas para estudos indisciplinados* aborda vários temas sobre o corpo compondo uma obra concisa, oferecendo pistas para os que almejam estudar tal assunto. Utilizando as teorias do corpo, montaremos um desenho, aberto e fluido, para propiciar uma superfície de atrito a presente discussão sobre os agenciamentos entre corpos e cidades.

Greiner (2005) se refere aos conceitos do pesquisador francês Guillemette Bolens para falar da diferenciação conceitual de duas importantes concepções sobre o corpo: o *corpo envelope* e o *corpo articular*. O primeiro, assim como um envelope, se organiza considerando o que há no interior, como sendo separado daquilo que compõe o exterior, tendo orifícios em pontos nodais. Já o outro, tem como lógica de organização as relações articulares. Essas concepções corporais denotam relações em vários âmbitos da cultura e têm conseqüências fundamentais nas relações com o corpo, não só no corpo do artista, mas no corpo em trânsito.

Ainda nesse texto, existem vários diálogos com importantes pensadores, que certamente contribuem para a composição cartográfica da temática discutida sobre o corpo e a cidade. Um deles é Michael Bernard com a substituição da discussão do corpo pela discussão de suas corporeidades. Neste contexto, se coloca a noção anatômica do corpo fundida às suas ações. Há, portanto, uma subversão categórica do corpo, não deixando de ser capturado pela nomenclatura, mas agora sob outro estatuto, considerando as diversas possibilidades de um corpo vivo, que vive e se relaciona no mundo. Além disso, Tetsurô Watsuji, filósofo japonês que estuda o corpo, contribui trazendo a importância do “entre” das localidades corporais. Este “entre” são redes de relações que significam socialmente o homem, convidando a uma atenção especial a organização destas relações humanas, em uma dinâmica relacional co-extensiva entre natureza e cultura e não uma concepção dual. Assim, a cidade passa a ser pensada como agenciador de corporeidades, nas relações do “entre” dos contextos urbanos, interfaces de corpos, trânsitos, mídias, movimentos corpóreos, relações de privatizações das relações urbanas.

Um marco fundamental da passagem do século XIX para o XX foi propiciado pelo arcabouço filosófico sobre o corpo de Nietzsche e Antonin Artaud (*apud* GREINER, 2005). Estes inauguram um pensamento que diz do “avesso da representação”. Além disso, outro pensador trazido ao diálogo por Greiner é Derrida ao propor diversas conexões de sentido sobre o pensamento de Nietzsche e Artaud, chegando a propor um novo corpo, “[...] anarquista, não orgânico, acefálico e vital” (GREINER, 2005, p. 24). Uma proposta de um corpo que se encontra nas fissuras, nas brechas que se conecta com o *lado de fora*, produtivo e inventivo, e não mais um corpo organizado e generalizável (enquanto forma). Nasceram novas concepções de corpo com a de *corpo sem órgãos* proposto por Artaud. Havia uma rejeição de Nietzsche e Artaud de qualquer poder centralizador como as concepções de sujeito e Deus. Há em Nietzsche e Artaud uma

diferença epistemológica fundamental na concepção de corpo como a proposta por Descartes; aqueles defendem a idéia de que o corpo sem órgãos seria uma resistência aos automatismos e não configura um conceito de corpo, mas sim uma prática em uma experiência limítrofe, com um corpo vivo em constante devir, totalmente dispare do corpo orgânico cartesiano, corporeidade composta por uma rede móvel e imprevisível de Poderes/forças, potências, e não de Saberes/formas.

Ainda falando de corporeidade, Nietzsche (1977) fala do corpo em seu nascedouro, em uma tentativa de comunicação com um estado de ser outro, de envolvimento cósmico, num estado primeiro, integralizante, sem ideologias manipulatórias, corporeidade vinculada ao sublime, no qual esse corpo pudesse se inserir no mundo como uma superfície integrada de produção e consumo. Esse pensamento dionisíaco de corpo fala da transmutação, corpo como passagem, ponte, devir, tornar-se; assim há uma destruição da crença socrático-platônica de uma identidade permanente. O corpo do homem ao tornar-se corpo em devir, acessando o instinto teatral, saindo da ordem animal biológico atinge o conceito e a noção de tempo, podendo neste momento tornar-se outro em uma transmutação que lhe é estranha e ao mesmo momento conhecida, o homem é alguém e igualmente refuta esse alguém.

Greiner (2005) continua a contribuir em seu texto com a configuração de corpo a partir de vários pensadores contemporâneos, dizendo sobre um corpo dinâmico, no qual as imagens mentais diferem algumas vezes de representações simbólicas, imprimindo um fluxo contínuo.

Nesse sentido que o corpo e a cidade são tais agenciamentos que se conectam com o *lado de fora*, produzindo dobras e um lado de dentro não diagramável, enquanto corporeidade, fluxo, movimento, devir. As Intervenções Urbanas por meio do Contato-Improvisação, foco deste trabalho, potencializam a experiência limítrofe das corporeidades introduzindo novos fluxos e tensões na criação de um corpo-devir na e da cidade, configurando dobras, um *lado de dentro*, em potenciais de aprendizagem de novos signos, acontecimentos na cidade.

Aberturas nos corpos e na cidade:

José Gil (2005) em seu livro *Movimento Total*, ainda no prólogo faz uma distinção entre o movimento do bailarino e o movimento do cotidiano. A partir do pensamento de Von Laban coloca que o movimento é uma dança quando “a ação exterior é subordinada ao sentimento interior” (GIL, 2005, p.14). Laban ainda coloca

que o movimento dançado vai se prolongar imprimindo no corpo o infinito, pois uma posição corporal sempre indica outras posições e outros gestos em uma composição contínua propiciada pelo ritmo dançado. Assim, a relação tempo-espacial do corpo, como dança, não é mais o palco, mas o seu próprio corpo que se prolonga e transporta seus membros para o infinito. O corpo que dança abre fendas, buracos, brechas, vinculadas ao *lado de fora*, criando uma abertura no corpo-espaco-tempo que tende ao infinito.

Gil faz ainda referência ao repouso para falar do movimento, dizendo que o repouso seria apenas uma macropercepção e que quando nos atemos ao micro tudo é movimento. Assim, é possível relacionar o repouso ao que Cunningham, outro pensador do corpo e da dança, chama de “o silêncio”. Nesse ponto, Gil (2005) tangencia o *locus* de onde emerge a forma artística. Na concepção de Cunningham, o corpo do bailarino deve estar em silêncio, deve estar suspenso todo o movimento para criar intensidade e produzir outro movimento, com a máxima concentração de energia, de forças não-codificadas, possibilitando um leque super-esticado de criações inéditas de formas para escorrerem “nos fluxos corporais” (GIL, 2005, p. 16).

Neste fluxo, é preciso desautomatizar o corpo, desmaterializar as configurações posturais, musculares, articulares, de tempo e de espaço, em um movimento de libertação do corpo, compondo um novo corpo. Não mais um corpo mecânico ou biológico, mas o “inconsciente do corpo tornando-se consciência do corpo (e não consciência de si ou consciência reflexiva de um ‘eu’)” (idem, p. 25).

Em outro texto, intitulado *Abrir o Corpo*, Gil contribui muito para essa reflexão. Coloca que, primeiramente, precisamos destituir a idéia de corpo como uma “unidade psicofísica”, como foi definido por Husserl; não há nesse sentido um ser uno com um elemento psíquico que se une de forma harmônica ao somático. Ao invés dessa concepção, o autor coloca que o homem é um “ser de consciência e inconsciência”. Por consciência do corpo, é possível entender não como as sensações e suas localidades no corpo, mas como um elemento de paradoxos relacionado diretamente com o corpo. A consciência entra em estados de íntima relação e osmose com o corpóreo, mas também pode afastar-se dele tornando um estrangeiro, a ponto de entrar em estado de ruptura. Mesmo nessa relação paradoxal, tal fragmentação nunca é completa, sempre há uma vinculação residual, inconsciente, que faz com que aquela consciência saiba que é daquele corpo e não de outro. Consciência do corpo nesse sentido seria o avesso da consciência como intencionalidade da fenomenologia. Não temos consciência de algo

como um objeto percebido pelas sensações, mas antes “consciência do corpo é a impregnação da consciência pelo corpo” (GIL, 2004, p.14). Para que haja essa consciência do corpo é preciso um abaixamento da consciência clara, como acontece com pessoas em situações extremas como insônia, cansaço extremo, acordar prolongado. O corpo, nesse sentido, se torna um receptor e um emissor de forças do e para o mundo, em um movimento de devir de forças e intensidades. Há em um primeiro momento uma impregnação, um contágio da consciência pelo corpo, que começa em seguida a fazer conexões com os objetos do mundo externo, formando Platôs como zonas de indiscernibilidade. É toda multiplicidade que se conecta com outras hastes de maneira a formar e estender um emaranhado de conexões que nunca findam. Cada Platô pode ser adentrado de qualquer lado ou posição e posto em relação com qualquer outro Platô (DELEUZE & GUATTARI, 1995). Diante disso, a cidade passa a agenciar os movimentos de corpos abertos a essas micropercepções urbanas, inconsciência e consciência agenciam os corpos dançarinos em conexões e misturas com os componentes dessa cidade, tanto das comunicações e ações visíveis quanto invisíveis. Micropolíticas em agenciamentos maquínicos entre corpos e o urbano.

Diante do pensamento aqui presente, é necessário nos despirmos das concepções cartesianas de que consciência e corpo são elementos opostos e possuem atribuições contrárias. Antes, estes são atravessados por “tessituras” comuns; há uma destituição da consciência incorporal e fenomenológica, passando para uma concepção ontológica (GIL, 2004). Para que haja essa coesão é necessária uma fusão entre os movimentos corporais e os movimentos do pensamento. Assim, há uma osmose entre consciência e corpo, a consciência se torna corpo de consciência e o corpo se torna consciência, criando “movimentos de forças e de pequenas percepções” (idem, p.16). Como acontece na criação artística em que a consciência é inundada pelos movimentos corporais, convergindo ambos para um espaço único de total mistura e indiferenciação.

Contato-Improvisação: Devir-corpo-cidade

A proposta do grupo Caleidoscorpos era de trabalharmos com a técnica de Dança Contemporânea de Contato-Improvisação criada por Steve Paxton (*apud* Gil, 2004). O grupo era composto por cinco integrantes: uma estudante de filosofia e bailarina, dois músicos-atores, duas psicólogas-dançarinas. Um grupo de formação diversa, com capacidades diversas, mas cujos integrantes necessitariam abrir o corpo e se destituírem dos saberes para adquirirem potência e produzirem um novo movimento,

um novo corpo, um devir-outro. Começamos com uma pesquisa corporal visando à desestruturação das relações com o próprio corpo de cada componente e um experimentar da relação de cada corpo com os outros corpos. Através de auto-massagens, de massagens em duplas, em grupo, de direcionamentos musculares, de pesquisas das articulações, nos possibilitamos entrar em um novo corpo, um novo campo corporal, com estranhamentos, rupturas e devires.

Começamos a dançar. Quanto mais nos relacionávamos, nos tocávamos e nos experimentávamos, mais abríamos as percepções dos nossos corpos e realmente entrávamos em uma outra relação de consciência dos corpos, como um transe no qual não havia mais um e outro e os objetos, mas tudo compunha um campo, o que Paxton (*apud* Gil, 2005) chama de plano de imanência da dança. É o plano do movimento que nasce sob a fusão do movimento e do pensamento (consciência do corpo), e com o corpo configurando um espaço infinito na possibilidade de agenciamento de outros corpos. Com essas duas condições, temos o plano de imanência.

O coreógrafo Steve Paxton (*apud* Gil, 2004) afirma que a consciência possibilitada pela consciência vigil, fenomenológica, vivencia os movimentos corporais de maneiras esburacadas, cheias de lacunas, porque os movimentos sutis dos corpos são rápidos para uma consciência clara. Já na consciência do corpo, não há buracos, mas ela se faz continuamente. A consciência intencional é, portanto, intervalar, mas os intervalos estão preenchidos por movimentos sutis, relacionando com a idéia de repouso e silêncio que discutimos em outro tópico. Assim, para que haja uma consciência contínua dos movimentos, é necessário adentrarmos em um platô de consciência do e pelo corpo, nos abrindo ao movimento fluido que possibilita a construção e a desconstrução de formas e forças, configurando um caleidoscópio vivencial.

Além do desenvolvimento da consciência do corpo, a qual Gil (2004, p.14) chamou de “a parte de trás da consciência”, há outro regime de consciência em que o corpo sensível se transmuta em *corpo-consciência*. Este seria caracterizado por uma hipersensibilidade, na qual o corpo se abre para captar pequenas sensações dos outros corpos, antes imperceptíveis. Além dessa experiência do corpo hipersensível, o corpo-consciência estabelece uma relação direta com o inconsciente e, assim, os corpos entram em contato e em osmose, misturando-se a outros corpos e a cidade. Há uma mistura entre dois ou mais inconscientes (Gil, 2004). Assim, também ocorre na dança Contato-Improvisação. Há uma comunicação inconsciente; começamos a prever os movimentos dos outros corpos e há uma destituição do ser enquanto separado das coisas; ou seja,

tornamo-nos uma massa fluida e passamos a existir em um campo comum, porém, distinto do campo cotidiano, como se criássemos rasgos na cidade que invadíamos com corpos em danças, brechas naquelas ruas, naquelas praças e naqueles fluxos urbanos, rompendo o campo da rotina. Mesmo com os corpos aparentemente distantes, fisicamente conseguíamos nos aproximar e estabelecíamos uma comunicação à distância, de forma que nos tornávamos próximos, introduzindo no espaço físico da cidade que ocupávamos outro espaço e outro tempo, criando um ritmo novo o qual surpreendia os transeuntes e também nós dançarinos, mas que só nos dávamos conta, quando parávamos de dançar. Desta forma, adentrávamos em outro espaço-tempo, que já estava ali engendrado em tensões micropolíticas que habitam invisivelmente a cidade, mas em todo momento é ocultada pelas regras que delimitam o campo do cotidiano e da rotina.

Dessa maneira, foi construída uma relação de afetos na dança de Contato-Improvisação. Essas relações foram atravessadas por fortíssimas intensidades afetivas, possibilitando um contágio de inconscientes. Esse contágio foi possibilitado pelas pequenas percepções, que são inconscientes e, praticamente, insensíveis, já que se situam aquém dos limites da consciência clara, porém afetam todos através das forças de que são compostas. Além disso, há um desnível que adentramos para tornar contínuo algo que na macrop percepção é lacunar. Algo do nível do não representável, mas do sensível captado nas intensidades e microp percepções.

Gil (2004) chama esse intervalo de “contorno do silêncio”, pois não há uma figura definida, já que se trata do nível das forças e não das formas, é algo que habitam o por vir, a transformação; como uma flor que desabrocha por instantes e se desfaz no instante seguinte; como areia ou como as ondas do mar. Se faz uma comunicação inconsciente e aparentemente silenciosa e configura-se o contato improvisando em uma coreografia sem ensaios, que se dá ali, no momento presente. Nada se vê nada se ouve, “sente-se” qualquer coisa indeterminada, ilocalizável, que se confunde com o sentido do corpo da e na cidade.

Outro aspecto que possibilita a existência do corpo-consciência é o que Gil chama de “cartografias das intensidades do corpo” (Gil, 2004, p. 21). Essas cartografias dizem da possibilidade de um único corpo se tornar dois ou mais corpos ao mesmo tempo. Corpo agenciado por encontros intensivos que solicitam o corpo à mistura e a experiência limite das múltiplas possibilidades. “O corpo do outro é solicitado por uma espécie de presença espectral do corpo do sedutor, presença densa, que acorda o desejo

do outro, que procura intensificá-lo e captá-lo” (idem). Assim, tanto cotidianamente ao passar por uma vitrine e ser sugada pelas intensidades de captura mercadológica a ponto de sua felicidade estar depositada na posse de um objeto, quanto ao abrir o corpo para estas misturas entre a cidade, o movimento, o corpo, o passante, em experiências urbanas são agenciadas multiplicidades que se atualizam a todo tempo e são invadidas por potencialidades outras a cada conexão maquínica, movendo a cidade em fluxos complexos e caóticos.

A esse corpo invisível, Gil (2004) dá o nome de corpo espectral, uma variação do corpo virtual. É um corpo invisível, mas presente, que não diz do corpo físico, mas consegue tomar o seu lugar. Há um contágio inconsciente, que se conecta e age diretamente nos inconscientes dos corpos e da cidade. Esse corpo espectral não tem forma definida, o que ele possui é várias “quase-formas”, que têm os mesmos atributos dos “contornos de silêncio”, falados, anteriormente, irrepresentáveis e inperceptíveis à consciência clara, dobras das forças do *lado de fora*.

Acontece uma invasão do corpo espectral no outro corpo, já que, involuntariamente, esse outro está imerso em um campo do invisível, do inconsciente, e, portanto é submetido a uma comunicação inconsciente criando assim um movimento. Isso acontece quando há uma “distração” por parte desse outro e acaba por abrir o corpo. A esse processo de afetação e modulação de forças via inconsciente do corpo, Gil (2004) chama de *incorporação*. Portanto, o corpo espectral é um corpo de afetos, mudo e invisível, apenas podendo ser experienciado a partir das intensidades, que compõem o silêncio, no qual forças são moldadas pelos contornos de silêncio. Podemos aproximar essa concepção de corpo espectral com os pontos de singularidades do *lado de fora* definidos por Deleuze (2005), anteriormente nesse texto. Para que aconteça esse contágio e essa comunicação inconsciente é necessário que os corpos se abram e se permitam vivenciar o imprevisível e inesperado.

Ora, se existe a consciência intencional, a consciência do corpo e o corpo-consciência, como percebemos o mundo? O questionamento de Gil (2004) ressoa na minha reflexão.

O autor responde à questão dizendo que é uma percepção situada na fronteira entre exterior e interior do corpo, um campo fronteiro, nos interstícios de sobreposição do interior e exterior do corpo. Essa zona de fronteira, a esse campo, Gil (2004) fala da pele, “como se víssemos o mundo a partir de cada ponto da nossa pele”, como se toda a extensão do corpo, sobreposta pela pele, visse, ouvisse, cheirasse, tocasse e compusesse

um único órgão de percepção global e total. Corpo aberto às vibrações dos outros corpos.

Saímos assim, do corpo-máquina-organismo cartesiano para alargar os limites do corpo até o infinito ao invadir os contextos urbanos com corpos-dança, criando dobras. A dança com o grupo Caleidoscorpos nos possibilitou experimentar e sentir esse novo corpo.

Experienciado em um devir-outro, que nascia a cada intervenção nas praças, nas ruas, nos espaços públicos que dançávamos. Havia um quê de Loucura em nossa dança, algo que abria a possibilidade de abrigar a Loucura no seu sentido mais potente e criativo. Loucura oposta àquela capturada pela área da saúde. No entanto, intimamente relacionada à cultura, vivenciando trânsitos, criando os abalos sísmicos na rotina dos corpos capturados pelo mercado e pelas fragmentações impostas pelo cotidiano da cidade. Uma Loucura que dizia de uma saúde criativa e poética, não de uma saúde adaptativa e normativa, nas quais as subjetividades são esmagadas pelos poderes dominadores de uma cultura de massa presentes no urbano.

Além de trabalharmos o corpo intensivamente, durante a semana com exercícios de consciência corporal e de contato entre os corpos, nos finais de semana fazíamos as intervenções em praças públicas, com elementos diferentes, às vezes com figurinos, outras não, às vezes com música, em outras com os próprios sons do cotidiano da cidade (carros buzinas, cachorros latindo) e as falas dos passantes, como por exemplo, um dia que uma pessoa que passava frente à intervenção gritou: “olha os malucos”. Vários elementos que demandavam uma disponibilização de que nos abrissemos para o imprevisível, para um devir-outro, nos tornando outro corpo, que, às vezes, eram o corpo do grupo, outras da árvore, outras do carro, outras da buzina, outras do passante, outras da cidade. Houve outro episódio em que dançávamos em uma praça e um passante estava de bicicleta em uma ladeira e foi olhar com certo estranhamento para o que ocorria ali e acabou caindo da bicicleta, capotando, nada de grave ocorreu, mas interferimos no seu itinerário ciclístico, ele levantou-se e prosseguiu, nós interagimos em uma comunicação silenciosa com aquele fato e incorporamos a cena na dança daquele momento.

Assim, entrávamos em outro nível de comunicação, sem personagens, sem representações e nos dissolvíamos naquele contexto. Corpos abertos misturados as sensações das cidades e transformando-se em corpos-cidade. Agenciamentos maquínicos que engendravam certo lado de fora presente no urbano que sentíamos pelas

intensidades e atualizávamos em movimentos não rotineiros, configurando desvios dos movimentos dos corpos dançarinos e dos corpos transeuntes aprendizagens frente a outros corpos e outra cidade.

Intervenções urbanas: acontecimentos e processos de aprendizagens

As intervenções urbanas experienciadas por meio do Contato-Improvisação é pensada neste trabalho enquanto acontecimento. Deleuze (2007) em seu livro *Lógica do Sentido* engendra o acontecimento como sendo o próprio sentido, diz do acontecimento enquanto a encarnação em certo estado de coisas, no tempo efetivamente presente. Assim, a criação e as intervenções executadas pelo grupo experimentaram em oficinas o Contato-Improvisação e na realização das intervenções urbanas, a conexão com os componentes da cidade, elementos urbanos, e a partir de tais atravessamentos, produziu movimentos espontâneos conectados ao momento presente, incorporações de sons, fluxos, linguagens e signos que ressoavam nas corporeidades do grupo, abertas aos sentidos e ao movimento do mundo urbano enquanto acontecimento.

Zourabichivili (2004) pensa o conceito de acontecimento de Deleuze como sendo paradoxalmente uma relação entre linguagem e mundo. Acontecimento é inseparável dos sentidos e dos signos e do movimento de mudança do mundo; ou seja, o devir do mundo. Em consonância, a produção do pensamento é realizada da mesma forma que se produz uma experimentação, já que, para tais pensadores, “não existe dado senão em devir” (ZOURABICHIVILI, 2004, p.18). Desta forma, não existe experiência pré-estabelecida que não conte com imprevistos, imprevistos estes que ocorrem cotidianamente nos contextos da cidade, mas que muitas vezes estão imperceptíveis aos transeuntes pelo próprio ritmo e fluxo da vida contemporânea. A promoção de intervenções nestes fluxos possibilitou a experiência de corpos urbanos anestesiados pela lógica mercadológica da cidade; diante disso, possibilitou desvios e agenciou aprendizagens, disparadas por certo estranhamento ou busca de sentidos que não existem a priori, já que as intervenções estavam fora das regras rotineiras e frenéticas dos fluxos urbanos.

Nesta perspectiva, o acontecimento, além de se configurar como diferença das coisas do mundo, tanto em processos de sentido quanto de mudança e movimento, afeta as subjetividades e as coloca em processo de devir, “insere a diferença no próprio sujeito” (idem, p.25). Assim, aquilo que fazia sentido até aquele momento, não mais o faz, tornando-se indiferente, e o que nos sensibiliza neste momento e nos afeta, não tinha

sentido antes. Este efeito do acontecimento nos diz que ele não ocupa espaço no tempo, interferindo como uma interrupção na cronologia e inaugura outro plano para a temporalidade, “tempo indefinido”. Introdução do fora no tempo. *Lado de fora* da temporalidade, como já discutido anteriormente. Frente às correrias, aos trânsitos, às mídias próprias de centros urbanísticos, propomos a possibilidade de outro tempo, tempo do acontecimento, da interrupção, tempo de busca de novos sentidos da cidade, de novas relações com o urbano. Lugar de aprendizagens.

Para falar em aprendizagens, reporto-me ao livro *Proust e os signos*, de Gilles Deleuze (1987). Utilizando Proust, o autor fala da aprendizagem enquanto um processo de lembrar, que tem a memória como meio, mas, paradoxalmente, está em um movimento de busca direcionado para o futuro. Aprender, nesta perspectiva é interpretar signos e emitir outros signos. Assim, os signos possuem ao mesmo tempo, unidade e pluralidade voltada a movimentos de busca. Deleuze diz que este processo de busca possui quatro mundos dos signos: os signos mundanos, os signos do amor, os signos sensíveis e os signos da arte.

O primeiro mundo da busca seria a mundanidade. Neste mundo, a tarefa do aprendiz é entender as dimensões históricas e de poder que constituem o signo. Compreender as leis implícitas dos signos mundanos. Estes signos substituem ações ou pensamentos; são, portanto, entendidos como representação do mundo. Aprender seria explodir o signo e analisar seus componentes. Os signos mundanos substituem as ações e os pensamentos, são vazios e fixos nas coisas do mundo; servem como estratégia de controle. Pertencem ao campo da forma/Saber pré-estabelecidos, exprimindo o efeito das pessoas que tem a força/Poder de produzi-los, diagramá-los.

O segundo seriam os signos amorosos. Estes signos estão em processos de busca de momentos, fatos e processos que o amado não participa ou não participou. Vivência de processos excluídos do amado, partes desconhecidas de um mundo escondido, muitas vezes vivido por signos mentirosos, ligação presente entre amor e ciúmes. Os signos amorosos se originam dos mundos, pensamentos e ações desconhecidos do amado, que, assim, esconde o que exprime. As mentiras do amado são os ícones do amor; jogos de signos reveladores da mentira e signos ocultos da multiplicidade sexual e, portanto, este processo de desvendar mentiras promove sofrimento quando aprofundado.

O terceiro mundo é o das qualidades sensíveis; que seriam os signos em relação e funcionamento no âmbito da vivência. È o mundo que mais se aproxima do material e

este sentido material é a encarnação produtiva de uma essência ideal, não platônica, mas criada a partir de um plano imanente, não se restringindo aos objetos materiais.

O quarto mundo é o da arte. Este mundo revelado da arte atua em outros mundos e é o último mundo dos signos, que se encontram como que desmaterializados, encontram seu sentido em uma essência ideal imanente, não transcendente. Assim, o mundo revelado da arte reage, principalmente, sobre os signos sensíveis, estes últimos são integrados e ganham sentidos estéticos, invadindo o que havia de vazio. Neste pensamento, os signos sensíveis remetem a encarnação de uma essência ideal em sentido material, mas a arte é a única que tem a potencialidade de compreendê-los e ultrapassar interpretações vindas de signos pré-concebidos. Assim, todos os outros signos voltam-se para a arte e, para Deleuze, todos os aprendizados por caminhos mais diferentes, são, inconscientemente, da própria arte. Portanto, “o essencial está nos signos da arte” (Deleuze, 1987, p.14).

Desta forma, Deleuze pensa as possibilidades dos signos. Cada signo faz parte de várias dimensões do tempo em busca da verdade. Neste processo a busca da verdade está ligada a busca do tempo perdido, em processos de aprendizagens. A verdade, portanto, possui uma relação essencial com o tempo. Só se procura o tempo perdido e a própria verdade quando se é impelido a fazê-lo por alguma situação concreta. Este processo se dá quando se é violentado a procurar a verdade, se dá por necessidade e não apenas por boa vontade. Esta violência vivida é a garantia de uma busca que assegura a autenticidade do aprendiz. É através de encontros casuais com signos que esta pressão coercitiva acontece e exerce violência. Só é possível querer a verdade ou a busca coagido por uma necessidade gerada pelo encontro em relação a determinado signo. Quer-se encontrar o sentido do signo. Esta busca é sempre temporal e a verdade é um acontecimento engendrado em um tempo múltiplo e plural. Tempo perdido.

Entretanto, na empreitada desta busca o que se encontra do tempo perdido é outro tempo, diferente deste primeiro, um tempo redescoberto. O tempo perdido é o tempo que se perde, não apenas o tempo que passa. Os signos mundanos, do amor e sensíveis são signos do tempo perdido, de um tempo que se perde. O tempo redescoberto é criado e produzido, próprio dos signos da arte, tempo original e compreendem todos os outros.

Neste processo, nunca se sabe como uma pessoa aprende; mas de qualquer forma sempre aprende por meio de signos, perdendo tempo; não pelo acúmulo e assimilação de conteúdos materiais objetivos. Estes conteúdos intelectuais são verdades limitadas, pois não são aprendidos por necessidades. À inteligência cabe compreender criticamente as

funções dos signos no mundo, sejam as leis dos signos mundanos ou as repetições dolorosas dos signos do amor.

Portanto, o aprendizado não está nem no passado e nem na memória, mas é um busca em direção ao futuro. O importante nesta empreitada é o que não se sabe a princípio. Este processo não tem início nem fim. Aprende-se progressivamente, com revelações, decepções sofridas e ilusões perdidas. Entretanto, este é um processo não linear e que hora recua, sofre regressões e preguiça, processo frágil de abertura do aprendiz para se sensibilizar aos signos. Para a ativação deste processo é preciso que haja encontros. Tais encontros promovem desvios, violências que desafiam as crenças e as leis prontas. Acredita-se por crença ou lei que o mundo objetivo traz o signo fixo e sedentário, impossibilitando qualquer desvio. Confunde-se o significado do signo com o objeto que ele designa. Superficialidade e aprisionamento do signo, estagnação de aprendizagens. Diante disso, as aprendizagens agenciadas pelas Intervenções Urbanas promoveram polêmicas frente aos signos aprisionados e cotidianos do espaço urbano, agenciando processos maquínicos que colocaram a cidade e as corporeidades em devir, em movimento. Movimentos engendrados do *lado de fora* da cidade, produzindo dobras estéticas que possibilitaram as configurações de algo de novo na cidade, aprendizagens de signos por vir.

Assim, as intervenções urbanas com Contato-Improvisação possibilitaram a implantação do mundo dos signos da arte, aos signos mundanos, amorosos e sensíveis do cotidiano urbano, possibilidade de desvios em que corpos atravessados pela lógica da cidade entraram em processos de aprendizagem, violentados pela necessidade de encontrar signos para o que estava ali presente interferindo na rua, na praça, na calçada. Busca de um tempo perdido nos signos impositivos da rotina urbana da vida contemporânea. Possibilidades de redescobrir o tempo como linha de fuga de um cotidiano desprovido de poesia, de criação, de acontecimento.

Diante do que foi explanado neste texto, o que desenvolvemos nesta pesquisa, passou por pensar os corpos cotidianos que habitam o contexto da mega-máquina cidade e que se tornam articulações funcionais desta máquina, desenvolvendo o pensamento de corpos urbanos, máquinas-corpos-cidade. Assim, pensamos o processo educativo, ético, político e estético da desterritorialização destes corpos por meio da dança contemporânea Contato-Improvisação nas intervenções urbanas na cidade de Uberlândia - MG do grupo Caleidoscorpos, disparo de potenciais de fabulações dos corpos urbanos nas intervenções realizadas. Abertura de corpos dançarinos à cidade,

incorporações de objetos urbanos acoplados aos corpos e a cidade em misturas que agenciaram outros processos maquímicos. Assim, possibilitar à cidade desviar, acontecimentos que polemizaram signos em busca de um tempo a ser redescoberto. Uma cidade por vir em corpos-consciência, agenciados por processos dos signos da arte, estabelecimento de contatos e misturas abertos aos campos dos imprevisíveis do urbano e dos corpos.

Referências:

- DELEUZE, Gilles. 2005. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense.
- _____. 1987. *Proust e os signos*. Trad. Antonio Carlos Piquet e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense-Universitária.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. 1966. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. Lisboa: Assírio & Alvim/Guide – Artes Gráficas.
- _____. 1995. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Editora 34.
- FOUCAULT, Michel. 2008/1977. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes.
- _____. 1979. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal.
- GIL, José Nuno. 2004. *Abrir o Corpo*. In: FONSECA, T. M. G.; ENGELMAN, S. (Org.). *Corpo, arte e clínica*. Porto Alegre: ed. da UFRGS.
- _____. 2005. *Movimento Total*. São Paulo: Iluminuras.
- GREINER, Christine. 2005. *O Corpo: pistas para estudos indisciplinados*. São Paulo: Annablume.
- GUATTARI, Félix. 1992. *Caosmose: um novo paradigma estético*. Trad. Oliveira, A.L.; Leão, L.C. São Paulo: 34.
- _____. 1993. *A paixão das máquinas*. In: *Cadernos de Subjetividade*. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade do Programa de Estudos pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC – SP, vol. 1, nº 1. (2003). São Paulo: Editora Hucitec – EDUC.
- GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. 2008. *Micropolíticas: cartografias do desejo*. 9ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes.
- NIETZSCHE, Friedrich. 1977. *Assim Falou Zaratustra*. Trad. Mário da Silva. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. 2001. *Transformações do corpo*. In: Rago, M.; Orlandi, L.B.L.; Veiga-Neto, A. (org.) 2005. *Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzschianas*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: DP&A.
- ZOURABICHIVILI, François. 2004. *O vocabulário de Deleuze*. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Relume Dumará.

Data de Recebimento: 31/08/2011

Data de Aprovação: 21/05/2013

Para citar essa obra:

BOM-TEMPO, Juliana Soares. Aprendizagens da cidade: corporeidades em intervenções urbanas. RUA [online]. 2013, no. 19. Volume 2 - ISSN 1413-2109. Consultada no Portal Labeurb – Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade

<http://www.labeurb.unicamp.br/rua/>

Capa: Foto de Murilo Barros, feita durante a intervenção urbana do grupo Caleidoscorpos, em Uberlândia/MG, 2006. Arquivo pessoal.

Laboratório de Estudos Urbanos – LABEURB
Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade – NUDECRI
Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP
<http://www.labeurb.unicamp.br/>
Endereço:
LABEURB - LABORATÓRIO DE ESTUDOS URBANOS
UNICAMP/COCEN / NUDECRI
CAIXA POSTAL 6166
Campinas/SP – Brasil
CEP 13083-892
Fone/ Fax: (19) 3521-7900
Contato: <http://www.labeurb.unicamp.br/contato>